

CEDI

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: 272

Data: 20 de agosto de 1987

Pg.:

## “Quem foi que inventou o Brasil?” ou As 46.248 ovelhas austríacas

Azambuja Leal

Seria necessário juntar Ponson du Terrail (o do Rocambole), Ian Fleming (do 007) e Bram Stoker (O Drácula) para plotar o script dessa grotesca e macabra conspiração financio-ecclesio-anarco-fascista, destinada a desmembrar parte da Amazônia do Brasil. Na chanchada hilariante e sinistra, o capitalismo financeiro mundial, de braços dados com monges prostibulares, sob o pálio da Santa Madre Igreja, o patrocínio de antropólogos, indianistas e outros intelectuais inocentemente úteis e o escudo de tribos silvícolas, acabaria por fundar na região um Estado Yanomani que, sob a tutela teocrática de missionários cristãos, teria por finalidade “garantir a preservação do território da Amazônia e de seus habitantes aborígenes para o seu desfrute pelas grandes civilizações européias, cujas áreas naturais estejam reduzidas a um limite crítico”. (Ipsis literis, palavras deles mesmos, segundo a “Diretriz Brasil nº 4 - ano 0”, emitida em julho de 1981 pelo Conselho Mundial das Igrejas Cristãs, cujo braço executivo no Brasil é o Cimi — Conselho Indigenista Missionário —, órgão pára-ecclesiástico, organização filiada à CNBB — Confederação Nacional dos Bispos do Brasil —, a mesma que agasalha outras organizações, como as de invasão e posse de propriedades rurais e urbanas, no sertão e nas capitais brasileiras).

Esse Conselho Mundial das Igrejas Cristãs é uma organização itinerante, que ora se reúne aqui, ora ali, seja em Barbados, seja em Genebra, e que, desde 1971, por simples coincidência abrange organizações filantropo-humanitárias da França, dos Estados Unidos, da Suíça, Inglaterra, Dinamarca e tutti quanti, as quais, por laços umbilicais subterrâneos estariam ligados sinistros interesses do capitalismo internacional que exploram minerações, com sede e curso na City e outras praças bolsísticas dos famigerados gnomos mundiais. Eis que fundar um estado independente e preservá-lo para o “desfrute das grandes civilizações européias” no futuro, é empreendimento cujo custo e porte demanda um consórcio financeiro pelo menos tão oneroso quanto a manutenção da paz no Oriente próximo.

Mas quem não arrisca, não petisca. A estratégia desse Conselho Itinerante parte da premissa de que o projeto é viável, pois “é preciso levar em consideração a pouca cultura de seus povos, a pouca perspicácia de seus políticos ávidos por votos, que a Igreja prometerá em abundância”. (sic, assim mesmo, ipsis verbis, nas palavras deles.)

Já fixo no Brasil, e não itinerante, é o Cimi, o Conselho Indigenista Missionário, sob o comando de um bispo estrangeiro, d. Erwin Kautler, que fez, ao que consta, seus estudos colegiais em uma Feldkirch, cidadezinha austríaca cujo serviço pastoral e ação católica realizaram a proeza de, talvez em prazo inferior a uma quinzena, reunir a assinatura de 46.248 austríacos para uma sugestão de emenda à Constituição brasileira em elaboração, protocolada em 20 de julho deste ano pela Secretaria da Comissão de Sistematização da nossa Assembléia constituinte! (Assim mesmo.) Ali, essas 46.248 ovelhas do rebanho episcopal austríaco, que assinam uma petição em português (de que não entendem bulhufas), nos acusam de maltratar índios, pedem que reconheçamos, demarquemos e garantamos suas terras dentro do nosso território e lhes concedamos direitos exclusivos de exploração do solo e subsolo. Como se vê, esse Conselho não dorme no ponto. Nem na Austría, nem no Brasil, pois, de acordo com a avaliação do esforço lobista que realizou nessa assembleia, já tem no papo (confirmando a procedência de sua hipótese estratégica) 438 dos 559 representantes do povo nessa assembleia.

Vai tudo, portanto, de vento em popa, conforme planos traçados pela “Diretriz Brasil nº 4 — ano 0” (Esse zero, não sabemos se é calendário do plano, coeficiente mental dos seus planejadores, ou nota cultural que eles dão ao Brasil e seus políticos). É preciso reconhecer que o resultado que culmina com a apresentação da sugestão de emenda apresentada pelas ovelhas austríacas, e com a vitoriosa cooptação dos 438, vem de uma Diretriz de 1981, e que, desde então, o tal Conselho Mundial das Igrejas Cristãs (itinerante embora) não contava apenas

com a possibilidade de cooptar nossos políticos. Recomendava, igualmente, além do engajamento de inocentes úteis, a infiltração “de missionários e contratados, inclusive não religiosos, em todas as nações indígenas”, com a missão evangelizadora de pregar entre elas “o conceito de etnia, para que desse modo seja despertado o instinto natural da segregação, do orgulho de pertencer a uma nobreza étnica, da consciência de ser melhor do que o homem branco”, para que “vejam o homem branco como um inimigo permanente, não somente dele, índio, mas também do sistema ecológico da Amazônia”. Imaginê-se! Um racismo hitlerista pregado como evangelho para os índios pelas “grandes civilizações européias”! Mas não foi isso que no século XVI levou os botocudos a fazerem uma caldeirada do Frei Sardinha? Muito cristão. Muito. De parte a parte.

Entretanto, se afinal os 438, em votação nominal, resolvem reconhecer a “soberania restrita” do Brasil sobre a Amazônia, entregar a tutela do território e a exploração de seu solo e subsolo às empresas dos índios, conforme emenda sugerida à nossa Constituição pelas 46.248 ovelhas austríacas, que se fará em seguida? Rien. A Diretriz recomenda: deve-se “impedir (...) construção de estradas, campos de pouso, principalmente destinados a atividades de garimpo, barragens de qualquer tipo ou tamanho, obras de fronteira, civis ou militares, tais como quartéis, estradas, limpezas de faixa, campos de pouso militares e outros que signifiquem a tentativa de modificações ou do que a civilização chama de progresso”, assim como “qualquer ação de mineração, garimpagem, construção de estradas, formação de vilas, fazendas, plantações de qualquer natureza...” Mas é claro. Não objetiva essa política “a preservação do território da Amazônia e seus habitantes aborígenes para o seu desfrute pelas grandes civilizações européias...” no futuro?

Trata-se, portanto, de um projeto de colonização cujo objetivo essencial é o de não colonizar. Os índios serão apenas evangelizados em sua supremacia sobre o branco e como tal conservados virgens de qualquer ação civilizatória até que possam vir a ser “desfrutados pelas grandes civilizações européias”. (Também os índios? ou só as indiazinhas?)

Dá para acreditar? Dá sim. Sob duas condições: a primeira é a de que os autores da “Diretriz Brasil nº 4 - Ano 0” tenham acertado na sua avaliação da nossa incultura, e da avidez e bobeira dos nossos políticos; a segunda é que o bispo austríaco dom Erwin Kautler já tenha mesmo encaçapado os 438. Do que mais duvidar? De que grande parte da chamada Igreja brasileira seja constituída de bispos estrangeiros que nem sequer aprenderam a falar nossa língua, para cá exportados como ao tempo da Colônia? De que então, como agora, eles vivessem até ao pescoço atolados em política? De que muitos desses missionários, então, fossem capazes (e por que não agora?) de segregar índios em missões que eram embriões de Estados futuros? Quem ainda ignora o que, desgraçadamente capitaneada por esses bispos de exportação, sucata da Igreja européia, ou desviada, por eles, vem a CNBB fazendo neste país?

Mas, se nada disso é verdade — só intriga; se documentos e ações não existem — são só perseguição a inofensivos pastores, então... então... temos forçosamente que admitir, entre outras coisas, que, se as 46.248 ovelhas austríacas que encaminharam emenda à nossa Constituição não são rebanhos de cabresto ludibriados por falsos profetas, são silvícolas austríacos, que, por igual, merecem nossa intervenção em sua Constituição, a fim de que, mantidas em aprisco eclesiástico sob a direção doutrinária de escreventes de cartório brasileiro, aprendam a não meter assinaturas em documentos que são incapazes de ler, avaliar ou entender. Já perderam, inclusive, a memória do “Anschluss” prevista no evangelho do Mein Kampf? Ou, como pode medrar uma fraude e cretinice desse quilate na Austría, reconhecidamente “uma das grandes civilizações européias”?